

MEIO AMBIENTE

Tensão no diálogo da Eletronorte com a tribo Caiapó, em Altamira

por Cláudio Kuck
de Altamira



Fábio Feldman

O velho índio Ute Caiapó de todo momento se levantava do meio do ginásio de esportes de Altamira, no Pará, e avançava com sua borduna até milímetros do rosto do engenheiro José Antonio Muniz Lopes, diretor de Energia e Planejamento da Eletronorte. Outras vezes, era a índia Tuira que o ameaçava com um facão, entre palmas de outros quinhentos índios com enfeites coloridos e pele pintada de negro e de centenas de ecologistas e jovens adeptos dos partidos verdes de diferentes países. O I Encontro de Povos Indígenas do Xingu protestava, assim, contra a construção da hidrelétrica de Kararaó, que formará um lago de 1.225 quilômetros quadrados na região dos Caiapós.

Muniz Lopes tentava explicar as razões da Eletronorte, tendo ao lado o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, que, às vezes, também era ameaçado com uma borduna. O cacique Rep-Kororoti Paiakan coordenava tranquilamente as discussões, explicando que os índios não queriam atacar, mas apenas demonstrar força. Paiakan foi processado pelo governo brasileiro por ter pedido às autoridades do Banco Mundial que não financiassem as empresas do Xingu.

CAÇA

O diretor da Eletronorte disse que a usina só poderá começar a ser construída em cinco anos, e que o País precisa dos 11 milhões de quilowatt que ela vai gerar, porque as indústrias e cidades necessitam de energia. Ute reagiu irado: "Não interessa em cinco anos, dez ou cem. A barragem não pode ser erguida porque vai matar nossa caça, nosso jabuti, o tatu, destruir nossas sete aldeias. Não sei para que serve esta energia, mas se é lá para o Sul, por que não fazem lá?" O diálogo seguia difícil em português, caiapó e até em inglês, para os jornalistas de todo o mundo presentes.

Muniz Lopes explicou que até as eleições presidenciais estará aprovado o estudo de viabilidade, quando, então, o projeto irá ao Congresso Nacional, conforme determina a nova Constituição, quando terras indígenas estão envolvidas. Como não há ainda lei regulamentando a matéria, o deputado Fábio Feldman, também presente em Altamira, quer discutir o tema longamente no Congresso. "Não só Kararaó, mas também para que não se repitam erros ecológicos clamorosos por falta de debate, como foi o caso de Balbina. Vamos tentar acabar com estes projetos grandiosos para a Amazônia, passando a aproveitar suas riquezas florestais nativas, num desenvolvimento econômico racional", disse.

SIoux

O cacique norte-americano Tem Means, dos Sioux, dizia a este jornal que aquela discussão era importante, "porque, se nos Estados Unidos tivéssemos feito isso no passado, muitas hidrelétricas não teriam sido construídas, destruindo grande parte de nosso povo". Ele garantiu que os índios

norte-americanos acompanham com interesse o que se passa na Amazônia e estão apoiando a luta dos ecologistas, "além de pressionar os bancos oficiais e o governo de Washington para não liberar verbas para projetos como esse do Xingu".

Fernando César Mesquita afirmou aos ecologistas que agora haverá diálogos concretos, explicando que em quatro anos o governo José Sarney iniciou a demarcação de 32 milhões de hectares de terras indígenas, enquanto em toda a história do Brasil só haviam sido demarcados 11 milhões. Ao mesmo tempo, o antropólogo norte-americano Darrel Posey, que foi ameaçado de expulsão do Brasil sob acusação de levar Paiakan a Washington para denunciar o projeto de Kararaó junto ao Banco Mundial, desfilava entre os índios também totalmente pintado de preto.

INUNDAÇÃO

Os estudos da Eletronorte mostram que a barragem de Kararaó terá uma quota de 95 metros, inundando a parte mais baixa da cidade de Altamira (50 mil habitantes), atingindo 1.059 famílias urbanas, além de 375 famílias rurais.

Também alagará 35 quilômetros da BR 230 e 228 quilômetros de estradas vicinais, ocasionando a perda de mil quilômetros quadrados de ecossistema florestal natural.

"Um preço pequeno a pagar por 11 mil megawatts", comentou Muniz Lopes. Já a usina sairá cara, tendo custo estimado em US\$ 7 bilhões.

A usina precisará de 12,6 mil trabalhadores na construção, estando afastada, no momento, a ideia de fazer também uma barragem em Babaquara. Está prevista a ligação de Kararaó com os sistemas elétricos Norte-Nordeste e Sudeste-Sul. O enchimento do lago no cronograma está previsto para o final de 1998 e a entrada em operação, no ano 2000.

Os debates continuam hoje, já sem a presença de Muniz Lopes, que, ao final, ainda assustado com as bordunas que quase tocaram seu rosto, comentava: "Só tive um pequeno receio, pensando que, sem querer, um deles me atingisse. Quanto à usina não podemos abrir mão dela". O dia acabou em festa para a juventude da poeirenta e pobre cidade de Altamira com a chegada do cantor-ecologista inglês Sting. "Se a barragem trouxe Sting para cá, uma coisa até agora inimaginável, ela não deve ser tão ruim assim", disse Vera Lopes, filha de um comerciante local, que apóia totalmente o projeto.